



Fé e Cidadania



Para os que buscam a paz, o Evangelho da Alegria

Núcleo Fé e Cultura

Em 1994, Yasser Arafat, Yitzhak Rabin e Shimon Peres receberam o Prêmio Nobel da Paz por suas negociações pela paz no Oriente Médio. Em 2014, Mahmoud Abbas e Shimon Perez se encontraram com o Papa Francisco e Bartolomeu I, Patriarca Ecumênico de Constantinopla, para rezar e se propor a construção da paz naquela região. Yitzhak Rabin foi assassinado por um militante extremista israelense, que não concordava com seus esforços pela paz. Arafat e seu sucessor, Abbas, sempre foram

vistos com desconfiança pelos judeus, que duvidavam de suas reais intenções de paz, e pelos palestinos, que duvidavam da real possibilidade de um acordo com Israel.

A paz nunca foi e nunca será uma empreitada fácil. Neste mês de novembro de 2023, comemoramos o décimo aniversário da exortação apostólica [Evangelii gaudium](#) (EG) enquanto contemplamos consternados as barbáries e atrocidades da luta entre o Hamas e Israel. Por isso, este Caderno Fé e Cidadania está dedica-

do à paz no contexto da exortação de Francisco.

Como diz o Papa: “O modelo é o poliedro, que reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm a sua originalidade [...] É a união dos povos, que, na ordem universal, conservam a sua própria peculiaridade; é a totalidade das pessoas numa sociedade que procura um bem comum que verdadeiramente incorpore a todos” (EG 236). Nesse poliedro de várias faces, não podemos deixar aquelas da guerra e da violência, mas

– para adquirir um novo olhar sobre a realidade e construir a paz –, temos que contemplar aquelas que, mesmo na dificuldade e na incompreensão, já estão lutando pelo bem comum, pela harmonia entre os povos. Que a eles chegue a alegria do Evangelho, nossa oração e nossa solidariedade cristã.

Agradecemos, particularmente à [Revista Passos](#), do movimento Comunhão e Libertação, que cedeu textos e ajudou na formulação desta proposta editorial.

Arte: Sergio Ricciuto Conte



Diálogo social, desenvolvimento integral e paz

Wagner Balera*

O diálogo social é um pressuposto essencial para que as guerras cessem o quanto antes e se faça a paz. Não se pode admitir que a diversidade das opções e etnias leve à discriminação e acirre os ânimos. Importa, como estipula a [Evangelii gaudium](#) (EG 238ss) que a diversidade se reconcilie nos pontos comuns, configurando expressivo pacto cultural. Assentada nessas duas bases fundantes – liberdade e superação de diversidades – a busca de um projeto de paz que seja comum a todos será a pauta abrangente e prioritária de verdadeiro e próprio diálogo social.

A primeira instância desse diálogo há de ser a dos Estados, que devem ser representativos das sociedades. Os conflitos bem podem ser reveladores de distorções na qualidade de representação da sociedade

pelo Estado. Cabe aos Estados e à sociedade, no seu todo considerada, estimular uma vida social que seja, a um só tempo, promotora da fraternidade, da justiça e da dignificação da pessoa humana.

A segunda instância do diálogo se dá entre as culturas e as ciências, que exige colóquios pacientes e o reconhecimento das diversidades culturais, porque as origens de cada povo apresentam peculiaridades que nem sempre, ou quase nunca, seguem o modelo da assim chamada civilização ocidental; bem como as essenciais e reconhecidas questões éticas. Um mundo melhor será aquele no qual os aportes científicos estejam a serviço do incremento do espaço civilizatório sempre crescente da nossa casa comum.

E, por fim, a instância huma-

na que se entrelaça com a divina, a impor o diálogo respeitoso entre os crentes. A inesgotável riqueza do amor, o dom evangélico por excelência, exige que o social não se resuma ao diálogo. Exige que o diálogo signifique, sobretudo, dar voz aos que não têm voz, vez ou lugar. A pauta restrita dos direitos individuais, tão cara aos que já são detentores de grande parte dessas conquistas, deve ceder passo e espaço aos direitos revestidos da dimensão social. São urgentes medidas concretas em favor do sofredor de todas as épocas: o indígena, o idoso, o migrante, o encarcerado, os que se encontram em situação de rua. E o que não dizer das vítimas do tráfico humano e do trabalho em condição análoga à do escravo, praticado a poucos metros de uma repartição pública?

A imagem adequada do poliedro demonstra que confluem para determinado ponto as distintas buscas de liberdade, de justiça, de paz, de bem comum que, para além de um desenvolvimento econômico sustentável, se traduzam na meta maior do desenvolvimento do homem todo e de todos os homens.

Neste aspecto, a pauta da [Evangelii gaudium](#) se resume a uma ideia-chave: a solidariedade como projeto adequado ao humanismo integral, plenamente conforme à sociedade, porque o planeta é de toda a humanidade e para toda ela e a todos deve, proporcionalmente, verter as imensas riquezas com que foi engendrado.

* Coordenador do Núcleo de Estudos de Doutrina Social, Faculdade de Direito da PUC-SP

Olhar para aqueles que buscam a paz

Núcleo Fé e Cultura

Apesar do calor do debate em certos círculos, um discernimento moral sobre o conflito entre o Hamas e Israel é constrangedoramente simples: por maiores problemas que a população palestina sofra, nada justifica os ataques terroristas a Israel – que evidentemente tem todo o direito de se defender, mas nem por isso pode causar uma chacina na Faixa de Gaza. Da mesma forma, é evidente que os “senhores da guerra”, que obtêm ganhos políticos e até econômicos a partir dos conflitos, não representam os povos envolvidos. E as vítimas diretas e indiretas dos combates estão sujeitas a

uma espiral de ressentimentos mútuos, dores e humilhações que são terreno fértil para o recrutamento de novos combatentes e o incentivo à violência desumana.

Posto isso, deve-se reconhecer a dificuldade prática tanto de respostas estratégicas adequadas, baseadas em informações dos serviços de inteligência, com alvos bem definidos, que não impliquem novas atrocidades contra populações inocentes; quanto de programas sociais que levem a um desenvolvimento humano integral, à superação dos ressentimentos e à

reconciliação entre os adversários. As dificuldades, contudo, não cancelam o discernimento moral que condena a guerra e pede a paz. Mostra-nos apenas que a superação das visões polarizadas e distorcidas, o envolvimento solidário e os gestos concretos de construção da paz são ainda mais necessários e urgentes. Muito se tem dito para legitimar um lado ou outro do conflito. Reconhecer o mal e indicar claramente onde se manifesta é absolutamente necessário, mas – nessa realidade “poliédrica” em que vivemos – não é possível combater a guerra sem olhar para aqueles que buscam a paz.

As guerras recentes raras vezes terminam com uma vitória exitosa de uma das partes, como poderíamos imaginar pensando, por exemplo, no final da Segunda Guerra Mundial. Os conflitos no Oriente Médio e as intervenções militares recentes dos Estados Unidos, ou mesmo a atual invasão da Ucrânia pela Rússia, têm resultado em intermináveis lodaçais de violência e morte, com custos altíssimos, frequentemente mal-avaliados, mesmo para os aparentes vencedores

A Igreja proclama o “evangelho da paz” (Ef 6, 15) e está aberta à colaboração com todas as autoridades nacionais e internacionais para cuidar deste bem universal tão grande. Ao anunciar Jesus Cristo, que é a paz em pessoa (cf. Ef 2, 14), a nova evangelização incentiva todo batizado a ser instrumento de pacificação e testemunha credível de uma vida reconciliada. É hora de saber como projetar, numa cultura que privilegie o diálogo como forma de encontro, a busca de consenso e de acordos, mas sem a separar da preocupação por uma sociedade justa, capaz de memória e sem exclusões (*Evangelii gaudium*, EG 239).

Amy Ayalon é um herói de guerra israelense. Foi chefe do Shin Bet, um dos mais eficientes e mortíferos serviços de segurança interna e combate ao terrorismo do mundo. Em 2020, publicou o livro *Friendly fire* (“Fogo amigo”, em tradução livre). Na obra, mostra que as ações militares e os ataques antiterroristas israelenses, apesar de bem-sucedidos e esmagadores em seu potencial de fogo, não conseguem deter seus inimigos – pelo contrário, parecem torná-los mais numerosos. Ayalon **conclui**: “Matar líderes terroristas sem considerar o desespero dos seus apoiadores é uma missão tola e produz mais frustração, mais desespero e mais terrorismo [...] Quanto mais ‘vencemos’ uma guerra tão malconcebida – quanto mais degradamos a sociedade civil e as normas democráticas – mais transformamos a nossa sociedade numa distopia orwelliana em que a verdade e a mentira são indistinguíveis”.

Benzion Sanders, em 2014, lutou na invasão de Gaza, motivada oficialmente pelo desaparecimento de três colonos israelenses e que terminou com cerca de 70 israelenses e 2.250 palestinos mortos. As atrocidades que presenciou fizeram dele um ativista contrário à ocupação israelense nos territórios palestinos, na organização pacifista de veteranos de guerra *Breaking the Silence*. Hoje em dia, **considere** que não haverá paz e segurança na região sem um acordo político em que os palestinos alcancem a liberdade e a independência. Diz que “o terror palestino só pode ser derrotado criando esperança palestina”.

No ataque do Hamas de outubro último, tanto integrantes do *Breaking the Silence* quanto militantes pacifistas de outros movimentos em Israel **também sofreram e até foram assassinados**. Noy Katsman, cujo irmão era um desses ex-combatentes mortos nos ataques, declarou: “Não usem a nossa morte e a nossa dor para causar a morte e a dor de outras pessoas e de outras famílias”. Ziv Stahl, diretora executiva do grupo de direitos humanos Yesh Din, escreveu: “Eu estava lá [mas] não preciso de vingança, nada nos devolverá aqueles que se foram. Todo o poderio militar da Terra não fornecerá defesa e segurança. Uma solução política é a única coisa pragmática possível”.

É preciso alargar sempre o olhar para reconhecer um bem maior que trará benefícios a todos nós. Mas há que o fazer sem se evadir nem se desenraizar. É necessário mergulhar as raízes na terra fértil e na história do próprio lugar, que é um dom de Deus. Trabalha-se no pequeno, no que está próximo, mas com uma perspectiva mais ampla [...] Ali entram os pobres com a sua cultura, os seus projetos e as suas próprias potencialidades. Até mesmo as pessoas que possam ser criticadas pelos seus erros têm algo a oferecer que não se deve perder (EG 235-236)

Women wage Peace (“Mulheres fazem a paz”) é um movimento em Israel que se define como de “mulheres de direita, centro e esquerda, judias

e árabes, religiosas e laicas, todas unidas para demandar um entendimento político para encerrar o conflito israelense-palestino”. Conta atualmente com mais de 44 mil filiados. Juntamente com seu movimento irmão palestino, o *Women of the Sun* (“Mulheres do Sol”), produziu o *Mothers’ Call* (“Apelo das mães”), dirigindo-se aos líderes de ambos os lados para que iniciem negociações de paz. De 24 de setembro a 10 de outubro de 2017, promoveram uma jornada, na qual 5 mil mulheres israelenses e palestinas marcharam juntas até Jerusalém, em um esforço para promover a paz na região

Em seu *site*, a chamada “Nós precisamos acabar com essa loucura”, remete a seu **juízo** sobre a situação atual: “Em primeiro lugar, lamentamos o assassinato brutal, num massacre indescritível e imperdoável perpetrado pelo Hamas, de mais de 1.300 civis, bebês, crianças, mulheres, homens, idosos, soldados e mulheres, membros das forças de segurança e salvamento, entre eles civis e soldados árabes. Desejamos total recuperação e reabilitação aos milhares de feridos de corpo e alma [...] Apesar da raiva e da dor em face dos atos criminosos e imperdoáveis cometidos pelo Hamas, não devemos perder a dignidade humana. Mesmo nas situações mais difíceis, é nossa obrigação como mães, como mulheres, como seres humanos e como nação inteira não perder os valores humanos básicos [...] Lamentamos a morte de palestinos inocentes, entre eles centenas de crianças, que estão sendo mortas nesta guerra maldita. A situação em Gaza está cada vez pior [...] Nós, mães judias e árabes, temos dito à liderança em Israel – basta! Temos de virar todas as pedras para alcançar uma solução política. Esta é a nossa obrigação para o futuro dos nossos filhos. Esta é a nossa obrigação para com as crianças israelitas e palestinas. Merecem um futuro de segurança e liberdade, não um futuro de morte, guerra e destruição [...] Sabemos que estas palavras parecem imaginárias, ingênuas e irrealistas, mas esta é a verdade e devemos reconhecê-la. Cada mãe, judia e árabe, dá à luz a seus filhos para os ver crescer e florescer e não para os enterrar [...] Que a memória de todas as vítimas seja abençoada”

A paz é possível, porque o Senhor venceu o mundo e sua permanente conflitualidade, “pacificando pelo sangue da sua cruz” (Col 1, 20) (EG 230)



O primeiro âmbito a que somos chamados a conquistar esta pacificação nas diferenças é a própria interioridade, a própria vida sempre ameaçada pela dispersão dialética. Com corações despedaçados em milhares de fragmentos, será difícil construir uma verdadeira paz social. (EG 230).

O jornalista italiano Andrea Avveduto, num [artigo](#) de 2021, foi explícito: “Há muita violência e muitas injustiças sofridas por ambos os povos. São muitas as razões e erros de ambos os lados, que não são capazes de se encontrar, começando por suas classes políticas [...] Que caminho seguir? Que tentativa de reconciliação é possível depois que os grandes projetos da política, tão cheios de retórica, fracassaram tantas vezes?”. Encontrou uma resposta, parcial, mas verdadeira, ao entrevistar Abu Omar e Daniel.

Abu Omar cresceu em Jerusalém Oriental. Seu irmão foi morto na repressão a um protesto. Aprendeu, com os amigos de seu bairro palestino, que “a justiça consiste em se vingar devolvendo o mal sofrido” – a Lei de Talião. Mas, para trabalhar e poder sobreviver, teve que estudar a língua do “inimigo”. Era um sacrifício, mas se não o fizesse não teria como sustentar a família. Entrou em um curso para aprender o idioma, “cuspidando nos degraus da escada”.

“Lembro-me – disse a Avveduto – que esperava encontrar militares nas aulas e topar com os rostos daqueles que tinham matado alguns de meus amigos. Assim, ia de cabeça baixa, cheio de medo e de raiva [... mas] sentei-me na carteira e vi o rosto dos que me rodeavam, estavam tranquilos. Um deles sorriu para mim e começamos a conversar [...] Eles também estavam cansados da guerra. E desejosos de conhecer os que vivem no outro lado do muro. Eram como eu”. Com o passar do tempo, Abu Omar também conheceu o que angustiava seus novos amigos, as histórias de alguns que tinham perdido filhos, maridos ou esposas nos atentados. E se deu conta de que “sua” lei de Talião não funcionava. “Se arrancamos os olhos uns dos outros ajustando contas, acabaremos todos cegos. Por isso decidi perdoar o assassino do meu irmão”.

Para quantos estão feridos por antigas divisões, resulta difícil aceitar que os exortemos ao perdão e à reconciliação, porque pensam que ignoramos a sua dor ou pretendemos fazer-lhes perder a memória e os ideais. Mas, se virem o testemunho de comunidades autenticamente fraternas e reconciliadas, isso é sempre uma luz que atrai (EG 100).

Daniel serviu como soldado durante a Segunda Intifada, a revolta palestina contra Israel entre 2000 e 2005. Como tal, se dispôs a matar e ver morrer. Ao terminar o serviço militar, teve que fazer terapia para lidar com toda a dor que havia presenciado. Mas nada respondia à sua pergunta mais urgente: “Como posso viver em paz, esquecer e perdoar aqueles que mataram meus amigos?”. Por outro lado, percebia que seu “inimigo” também não era capaz de perdoar.

Preparava-se para deixar o país quando conheceu o [Parent’s Circle](#) (Círculo de Pais), uma associação de mães e pais israelenses e palestinos que desenvolvem atividades conjuntas. “Pareceu-me uma estupidez, mas nunca poderei esquecer os olhos daquela mãe que me deu o folheto no Portão de Jafa, em Jerusalém. Tive que voltar e perguntar-lhe: Por que você sorri? Não vê que não há esperança?”. A resposta mudou para sempre sua vida: “A esperança está no coração de cada um. O meu filho morreu há alguns anos, mas se não tivesse tido a coragem de olhar até o fundo do meu coração, nunca teria podido perdoar. E provavelmente hoje não estaria aqui”. Aconteceu algo que fez com que Daniel não quisesse se separar nunca desses novos amigos. Depois de alguns meses, começou a ajudar nos *tours* para israelenses e palestinos, todos juntos, para passar alguns dias de convivência e descobrir que “o perdão só pode nascer do encontro consigo mesmo e com os outros”.

A paz “não se reduz a uma ausência de guerra, fruto do equilíbrio sempre precário das forças. Constrói-se, dia a dia, na busca de uma ordem querida por Deus, que traz consigo uma justiça mais perfeita entre os homens” ([Populorum progressio](#), PP 76). Enfim, uma paz que não surja como fruto do desenvolvimento integral de todos, não terá futuro e será sempre semente de novos conflitos e variadas formas de violência (EG 219).

Tommaso Saltini, leigo consagrado da Associação *Memores Domini*, ligada à Comunhão e Libertação, é, desde 2006, o diretor-geral da [Associação Pro Terra Sancta](#), uma organização não governamental ligada à Custódia da Terra Santa, que trabalha promovendo o diálogo por meio de projetos de desenvolvimento, cultura e educação.

Diante dos acontecimentos recentes, ele [declara](#): “A violência que eclodiu nos assusta, nos entristece, nos envolve. Também nos faz sentir impotentes, mas nunca deixarei de dizer que é

necessário criar oportunidades de encontro e trabalhar para imaginar soluções novas e criativas que tragam desenvolvimento e paz para todos; além de propostas políticas duradouras. Não é fácil, mas não é impossível, porque vi quantos relacionamentos improváveis nasceram e geraram o bem. Quando olho para trás, a primeira coisa que sinto é gratidão: o Senhor não permitiu que eu estivesse sozinho. Sem companhia humana, eu nunca poderia ter participado desta missão”.

Uma das primeiras e surpreendentes companheiras é Carla Benelli. Historiadora de arte, leiga, de esquerda, escolheu se mudar para Jerusalém porque se apaixonou pela conservação de seu patrimônio cultural. Ela se impressionou com um modo de ser que valorizava a comunidade local: treinava os jovens, envolvia os palestinos em trabalhos desafiadores de restauração e arquitetura, dialogava com todos.

Outro companheiro é Osama Hamdan, um arquiteto palestino. Saltini comenta: “Muçulmano, deu sua vida pela restauração das igrejas cristãs, gerando tanta surpresa e admiração que sua presença favoreceu diálogos e encontros entre pessoas que nem mesmo conseguiam olhar-se nos olhos”.

Saltini conclui: “Aquilo que constrói não são os recursos dados ou os discursos mais ou menos bem elaborados sobre a paz. O que permanece são os laços. Os que resistem mesmo agora enquanto tudo ao redor é destruído”.

O que torna essa fecundidade possível? “Não é um ‘fazer por fazer’, mas um caminhar juntos para construir um pedaço de beleza”, responde Saltini. “Com israelenses, cristãos e palestinos, trabalhamos muito na cultura porque ela ensina isso, uma bela igreja ou uma bela mesquita para restaurar ensinam isso, assim como escolas cheias de crianças que enchem as carteiras em vez de mendigar na rua. A beleza sempre remete ao Verdadeiro”.

Uma atitude de abertura na verdade e no amor deve caracterizar nosso diálogo com os crentes das religiões não cristãs, apesar dos vários obstáculos e dificuldades, de modo particular os fundamentalismos de ambos os lados. Este diálogo inter-religioso é uma condição necessária para a paz no mundo e, por conseguinte, é um dever para os cristãos e também para outras comunidades religiosas (EG 250).

* Com informações dos jornais *The Guardian*, *La Croix* e revista *Passos*. Acesse a versão *on-line* deste artigo para encontrar os links para os artigos e sites.

Do Patriarca latino de Jerusalém: 'Cristo venceu o mundo amando-o'

Trechos de uma **belíssima carta*** do Cardeal Pierbattista Pizzaballa à sua comunidade católica de Jerusalém e a todo o mundo, em função das atrocidades cometidas nesta guerra entre Hamas e Israel, publicada em 24 de outubro de 2023

Caríssimos, que o Senhor vos dê a paz!

Estamos passando por um dos períodos mais difíceis e dolorosos da nossa história recente. Há mais de duas semanas, temos sido inundados por imagens horríveis, que reacenderam traumas antigos, abriram novas feridas e despertaram em todos nós dor, frustração e raiva. Tudo parece falar de morte e ódio sem fim. Muitos “porquês” se acumulam na nossa mente, aumentando, assim, nosso senso de desorientação.

[...] Em todo esse barulho, em que o som ensurdecedor das bombas se mistura às muitas vozes de dor e os muitos sentimentos conflitantes, sinto a necessidade de compartilhar com vocês uma palavra que tenha sua origem no Evangelho de Jesus, porque é daí que todos nós de-

vida de cada ser humano tem igual dignidade diante de Deus, que nos criou todos à Sua imagem.

A mesma consciência, no entanto, com grande peso no coração, me leva hoje a afirmar com igual clareza que este novo ciclo de violência resultou em mais de 5 mil mortos em Gaza, incluindo muitas mulheres e crianças, dezenas de milhares de feridos, bairros arrasados, falta de medicamentos, água e bens de primeira necessidade para mais de 2 milhões de pessoas. São tragédias que são incompreensíveis e que temos o dever de denunciar e condenar sem reservas. Os contínuos e pesados bombardeios que há dias atingem Gaza causarão apenas morte e destruição e só farão aumentar o ódio e o rancor, não resolverão nenhum problema, mas criarão novos. É hora de parar

A real origem da paz. Mas não posso viver este tempo extremamente doloroso sem voltar o olhar para o Alto, sem olhar para Cristo, sem que a fé ilumine o meu, o nosso olhar sobre o que estamos vivendo, sem voltar nosso pensamento para Deus. Precisamos de uma Palavra que nos acompanhe, nos console e nos encoraje. Precisamos dela como do ar que respiramos.

“Eu disse isso para que tenhais paz em mim. No mundo, tereis aflições, mas tende coragem: eu venci o mundo!” (Jo 16,33).

[...] Esta última palavra de Jesus é um encorajamento. Ele não diz que vencerá, mas que já venceu. Mesmo no drama que virá, os discípulos poderão ter paz. Não se trata de uma



Custody of the Holy Land

vemos partir e é para lá que sempre devemos retornar. Uma palavra do Evangelho que nos ajude a viver este momento trágico, unindo nossos sentimentos aos de Jesus.

Um discernimento inevitável. Olhar para Jesus, obviamente, não nos isenta do dever de falar, denunciar, alertar, além de consolar e incentivar [...] A consciência e o dever moral me obrigam a afirmar claramente que o que aconteceu em 7 de outubro passado no sul de Israel é de forma alguma admissível, e não podemos deixar de condená-lo. Não há razões para tal atrocidade. Sim, temos o dever de afirmar e denunciar isso. O recurso à violência não é compatível com o Evangelho e não leva à paz. A

esta guerra, esta violência insensata.

Somente ao pôr fim a décadas de ocupação e às suas trágicas consequências, e dando uma clara e segura perspectiva nacional ao povo palestino, é que se poderá iniciar um sério processo de paz. Se este problema não for resolvido em sua raiz, nunca haverá a estabilidade que todos desejamos. A tragédia destes dias deve levar-nos a todos – religiosos, políticos, sociedade civil, comunidade internacional – a um compromisso mais sério do que o feito até agora. Só assim poderão ser evitadas outras tragédias como a que estamos vivendo agora. Devemos isso às muitas, demasiadas vítimas destes dias e de todos estes anos. Não temos o direito de deixar esse trabalho para outros.

paz ilusória, nem de resignação ao fato de que o mundo é mau e que não podemos fazer nada para mudá-lo. Mas trata-se de ter a certeza de que, mesmo dentro de toda essa maldade, Jesus venceu. Apesar do mal que devasta o mundo, Jesus alcançou uma vitória, estabeleceu uma nova realidade, uma nova ordem, que após a ressurreição será assumida pelos discípulos renascidos no Espírito.

É na cruz que Jesus venceu. Não com armas, não com poder político, não com grandes meios, nem se impondo. A paz de que fala não tem nada a ver com a vitória sobre o outro. Ele venceu o mundo amando-o. É verdade que na cruz começa uma nova realidade e uma nova ordem, a

de quem dá a vida por amor. E com a Ressurreição e com o dom do Espírito, essa realidade e essa ordem pertencem a seus discípulos. A nós. A resposta de Deus à pergunta sobre o porquê do sofrimento do justo não é uma explicação, mas uma Presença. É Cristo na cruz.

É nisso que se baseia nossa fé hoje. Jesus, nesse versículo, fala justamente de coragem. Uma paz assim, um amor assim, requerem grande coragem. Ter a coragem do amor e da paz aqui, hoje, significa não permitir que ódio, vingança, raiva e dor ocupem todo o espaço do nosso coração, dos nossos discursos, do nosso pensamento. Significa empenhar-se pessoalmente pela justiça, ser capaz de afirmar e denunciar a dolorosa verdade das injustiças e do mal que nos cercam, sem que isso contamine nossas relações. Significa empenhar-se, estar convencidos de que ainda vale a pena fazer todo o possível pela paz, justiça, igualdade e reconciliação. Nossa fala não deve ser cheia de morte e portas fechadas. Pelo contrário, nossas palavras devem ser criativas, dar vida, criar perspectivas, abrir horizontes.

A ‘nova ordem’ trazida por Cristo e vivida na oração. É preciso coragem para ser capaz de pedir justiça sem espalhar ódio. É preciso coragem para pedir misericórdia, rejeitar a opressão, promover igualdade sem exigir uniformidade, mantendo-se livres. É preciso coragem hoje, mesmo em nossa diocese e em nossas comunidades, para manter a unidade, sentir-se unidos uns aos outros, mesmo na diversidade de nossas opiniões, sensibilidade e visões.

Eu quero, nós queremos, fazer parte dessa nova ordem inaugurada por Cristo. Queremos pedir a Deus essa coragem. Queremos ser vitoriosos sobre o mundo, assumindo sobre nós essa mesma Cruz, que também é nossa, feita de dor e de amor, de verdade e de medo, de injustiça e de dom, de grito e de perdão.

Rezo por todos nós, e em particular pela pequena comunidade de Gaza, que está sofrendo mais que todas. Em particular, nosso pensamento vai para os 18 irmãos e irmãs que morreram recentemente, e suas famílias, que conhecemos pessoalmente. A dor deles é grande, mas a cada dia mais percebo que estão em paz. Assustados, abalados, perturbados, mas com a paz no coração. Estamos todos com eles, em oração e solidariedade concreta, agradecendo-lhes o belo testemunho.

Oremos, finalmente, por todas as vítimas inocentes. O sofrimento dos inocentes diante de Deus tem um valor precioso e redentor, porque se une ao sofrimento redentor de Cristo. Que o sofrimento deles aproxime sempre mais a paz! [...] Peço a todas as igrejas no mundo que se unam ao Santo Padre e a nós na oração, e na busca por justiça e paz.

* A tradução da carta, na íntegra, pode ser lida neste [link](#) da revista Passos.